

A influência do racismo na escolha da etnia no perfil da criança adotiva no Brasil

Barros NC, & Frizzo GB

E-mail: nicole.cbarros@gmail.com web site: www.ufrgs.br/nufabe

Introdução

A possibilidade de um futuro filho pode despertar a parentalidade, seja por uma gravidez, seja pela entrada na fila de espera para a adoção. No início desse processo, os pais elaboram uma criança imaginária baseada na sua história de cuidados, nas crenças sobre bebês e no contexto socio-cultural em que vivem. No caso da adoção no Brasil, a herança do racismo é um fator que pode influenciar a idealização materna, já que a maioria dos adotantes são brancos e a maioria das crianças em adoção são negras ou pardas^[1]. Diante desse contexto, **o objetivo desse estudo foi compreender os motivos relatados pelas mães a respeito de suas escolhas quanto ao perfil étnico do seu futuro filho por adoção.**

Metodologia

Participantes: 6 futuras mães inseridas há menos de um ano na fila do Cadastro Nacional da Adoção. Metade das mães aceitava todas as etnias das crianças; enquanto que a outra metade apenas não aceitava crianças negras.

Instrumentos: Entrevistas e questionários^[2, 3, 4].

Delineamento: Casos coletivos com síntese de casos cruzados^[5].

Análise dos dados: Análise temática qualitativa^[6] com o auxílio do *software* Nvivo 11.

Temas: Escolhidos *a posteriori*: “motivos para a escolha da etnia da criança”, “preconceito” e “racismo”.

Resultados e Discussão

A não limitação étnica das crianças foi associada com a vivência das mães em famílias compostas distintamente das “tradicionais”, conforme a vinheta: *“mas o teu marido é branco tu é branca”*. *Eu disse que não, mas as sobrinhas do meu marido, duas são casadas com rapazes negros e tem filhos negros, então isso não seria problema nenhum, não seria um intruso na família, né?”*

Pais capazes de justificar o próprio comportamento devido às suas vivências passadas são mais aptos em criarem um filho pela via da adoção^[7].

No entanto, em algumas entrevistas, essas mães justificaram a ampla escolha étnica no perfil pela fala “porque todos são iguais”. Essa fala pode indicar que mães brancas com esse relato poderiam ignorar a existência do racismo, e com isso, uma criança negra poderia ser mal compreendida pelos seus pais adotivos nesse contexto^[8].

Já a limitação da etnia negra foi associada ao medo de não saber lidar com o racismo da sociedade, como também, à falta de traços físicos semelhantes: *“Então, mas a gente quer evitar muito o contraste muito mais claro, muito direto. Tipo, de longe já se percebe, né. A gente tem muito medo disso, da sociedade”*.

Esse relato sugere que as mães brancas podem ter dificuldade de se identificar com possíveis filhos negros, como também, talvez seja uma indicação de que essas mães ainda podem ter alguma dificuldade quanto à adoção como uma forma de se constituir uma família. Isso porque a cor de pele diferente iria ser uma constante lembrança para a mãe do processo de adoção.

Conclusão

O preconceito racial, assim como, o da adoção devem ser bastante refletidos e discutidos pelas futuras mães e famílias adotantes, tanto para facilitar a identificação materna com a criança, quanto para melhorar o laço afetivo entre pais e filhos pela via da adoção.

1. Cadastro Nacional de Adoção (CNA) (2018). Relatórios estatísticos. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/cnanovo/pages/publico/index.jsf>. Data de acesso: 27 de janeiro de 2018. 2. Frizzo, G. B., Silva, P. S., Resmini, G. F., Schwochow, M. S., Leão, L. C. S., Levandowski, D. C., Lopes, R. C. S., 2 Vieira, M. L., Chaves, V. P. (2016). Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção. Projeto de Pesquisa não publicado. 3. Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Família com Bebês e Crianças (NUFABE) (2016b). Questionário sobre a adoção. Instrumento não publicado. 4. Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Família com Bebês e Crianças (NUFABE) (2016a). Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção. Instrumento não publicado. 5. Yin, R.K. (2005). Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman. 6. Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi:10.1191/1478088706qp0630a 7. Solis-Ponton, L. (2004). Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo. 8. Rufino, S. (2002). Uma realidade fragmentada: a adoção inter-racial e os desafios da formação de uma família multirracial. *Katálisis*, v.5, n.1, p.79-88.